

**CEAD – Centro de educação a Distância
Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino Básico
(TICEB)**

Universidade Federal de Juiz de Fora

Disciplina: Trabalho de Conclusão do Curso

Polo/Turma: Bicas

Data: 26/07/19

**Memória coletiva e individual
Meios de preservação da História.**

Professora: Dra. Ana Paula Pereira Costa

Aluno (a): Jackeline de Araujo Barino

Orientadora: Vanda Vale

Barino, Jackeline de Araujo.

Memória Coletiva e Individual: Meios de preservação da História
/ Jackeline de Araujo Barino. -- 2019.

16f.

Orientadora: Vanda Vale

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) -
Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de
Educação/CAED.

Especialização em História e Cultura no Brasil
Contemporâneo, 2019.

1. Memória. 2. Coletiva. 3. Individual. 4. Preservação. 5. História.
I. Vale, Vanda , II. Título.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer muito a Deus por tudo que sempre faz por mim, principalmente pela coragem, ânimo e força, que recebi durante o curso. Muitos desafios eu enfrentei como tempo e tecnologia, mas graças a Deus consegui minha meta.

Agradeço também a minha família e amigos pela ajuda em todos os momentos de dificuldades durante o curso, principalmente a paciência em me esperar terminar as tarefas.

Agradeço aos meus professores e orientador do Curso de história e Cultura do Brasil Contemporâneo pelo apoio e oportunidade de aprender mais com as experiências compartilhadas por eles.

Sumário

Introdução:	5
Objetivos:	5
Problematização:	6
Levantamento de hipóteses e soluções:	6
Revisão da Literatura	Erro! Indicador não definido.
Detalhamento do projeto	11
Conclusão	122
Referências Bibliográficas	Erro! Indicador não definido. 4
Anexos	Erro! Indicador não definido. 6

Introdução

No presente trabalho discutiremos como Memória coletiva e individual podem ser ferramentas ou fontes históricas que podemos utilizar para estudar o passado e escrever a história. Onde, por meio dessas, conseguimos conhecer os fatos através de relatos e assim preservar as memórias e culturas de um povo ou sociedade. Segundo os estudos do texto de Barros em *História e memória uma relação na confluência entre tempo e espaço* (2009), “(...) devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos.”¹

Podemos dizer que a memória é nossa identidade, ela é envolta de vivências e experiências, nos ajuda a contar de onde nos viemos ou quem somos e sobre o mundo a nossa volta, por isso, é muito importante preservá-la, pois quem dá acesso do presente ao passado, é a memória. De acordo com Barros em *História e memória uma relação na confluência entre tempo e espaço* (2009):

“Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado.”²

Sabemos que ao falarmos de memória podemos obter muitas informações, pois ela está repleta de lembranças que acumulamos ao longo da nossa trajetória de vida. Para entender melhor a atualidade e o contexto em que estamos vivendo, recorrer a essas lembranças nos ajuda e compreender os fatos, mesmo sabendo que as memórias podem estar envoltas de subjetividade. Continuando com o texto de Barros em *História e memória uma relação na confluência entre tempo e espaço* (2009), o mesmo relata que “A Memória, um tanto ambigualmente, seria ao mesmo tempo estática e imprecisa, parcial e distorcida, passiva e não-criadora.”³

Objetivos

- Vale ressaltar que o objetivo desse trabalho de pesquisa é saber como usar da memória no processo de construção e de preservação da história e da cultura,

¹BARROS, José D'Assunção - *História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço* (2009), p.3.

².*Ibidem*. p. 5.

https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/mouseion/2009_v3_n5/jdbarros.pdf

³*Ibidem*. p.5.

e valorizar os relatos de um de um grupo social e assim, fazê-los sentirem integrantes ativos e construtores da história.

- Pretendemos entender com essa pesquisa que o processo de memória coletiva e individual são diferentes, mas, entrelaçam entre si com o objetivo de construção histórica e social, permitindo que a identidade de uma sociedade se mantenha viva.

Problematização

Os relatos de memórias coletivas e individuais são meios de preservação e perpetuação da História de uma sociedade ou de um povo. Levando em consideração os obstáculos que são enfrentados devido à veracidade e subjetividade dos relatos, podemos dizer que a oralidade ajuda a escrever a História. O presente trabalho reunirá fatos, relatos e bibliografia que ajudam a responder a essa problematização: **Como preservar a História de uma sociedade utilizando a memória coletiva e individual?**

Levantamento de hipóteses e soluções

- Os relatos de pessoas sobre fatos ocorridos no passado ajudam a preservar as memórias e a compreender os acontecimentos do presente.
- A História também pode ser escrita partindo da oralidade utilizada pela memória coletiva e individual para manter viva sua cultura e se sentir parte integrante da mesma.

As principais fontes deste trabalho são os vários textos e pesquisas produzidas pelo Curso de Pós-Graduação em História e Cultura do Brasil Contemporâneo UFJF (2019).

A escolha desses autores e textos se deu devido ao ajustamento dos textos com o tema escolhido. Os mesmos serão muito úteis para enriquecer esse trabalho.

Revisão da literatura

Ao falarmos do tema História e Memória e como estas podem ajudar a escrever a história contando o passado e entendendo o presente, podemos ressaltar

que os mesmos podem ser considerados dois recortes fundamentais para escrevermos e entendermos a História. A utilização da memória pode ser uma ótima ferramenta para nos dar a consciência de tempo, onde a oralidade vai contribuir para uma ideia do acontecido.

Podemos entender que a História também se utiliza da memória, por isso, passa por várias indagações e reformulações, pois cada memória pode contar e priorizar um lado da história ou outro, dependendo do ponto de vista de quem e pra quem está se contando, tendo que passar por verificações.

Continuando, ao falarmos desse tema, também podemos citar a história oral, conhecida como um trabalho de pesquisa que faz uso de fontes orais, que são coletadas por meio de entrevistas orais, como gravações. A História Oral é amplamente utilizada pelas Ciências Humanas, e é caracterizada pela coleta de vários depoimentos com pessoas que testemunharam e vivenciaram algumas situações, as quais podem ser usadas como fontes para a compreensão do passado ao lado de outros documentos, como fotografias e documentos escritos.

Quando levamos esse tema de memória coletiva, individual e oral para o ensino de história nas salas de aula, percebemos que, infelizmente, muitos fatos da história ficaram ou caíram no esquecimento, ou muitas vezes nem foram contados nos livros didáticos. Muitos alunos ainda acreditam fielmente no que está escrito nos livros didáticos e no que foi ensinado ao longo dos anos. Entendemos e devemos como profissionais da educação, levar os alunos a indagarem e analisar de maneira mais crítica, como sujeitos “pensantes,” autônomos. Entendendo assim, que depende muito do ponto de vista de quem escreve ou conta a história, pois, privilegiam apenas um lado do ponto de vista de quem está contando e o que quer privilegiar.

Pollack em seu texto *Memória e identidade social*, Estudos Históricos (2012), compreende que é importante observar a maneira de trabalhar dos historiadores, que eles trabalhem com escritos biográficos ou com relatos, ou seria importante estudar não que eles trabalham, mas como eles trabalham, assim sendo, entendendo a memória como elemento constituinte da identidade social, ressaltando que ela não está presente apenas nos depoimentos orais, por isso a crítica da fonte deve ser feita pelos historiadores, quer ela oral ou não.⁴

⁴ POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>

Devemos como historiadores levar ao entendimento e trazer para luz, relatos onde mostram que a história não é feita apenas por grandes heróis que são lembrados pela maioria, compreendendo assim, que a história é escrita por todos nos como sujeitos ativos. Segundo Pollack em seu texto *Memória e identidade social*, Estudos Históricos (2012):

“Falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.”⁵

Ao apontar as estratégias metodológicas da história oral podemos citar FERREIRA em seu texto, *História oral: um inventário das diferenças* (1994) onde destaca o caráter político desta metodologia, pois possibilita novas estratégias de representação de grupos e indivíduos que não tinham lugar na história por sua ausência nas fontes escritas. A mesma defende a legitimidade do tempo presente como objeto de investigação para a história. Ao fazê-lo, assumimos a importância e pertinência dos arquivos orais, mas chamamos a atenção para o fato de que a história oral é apenas um método, e não um fim, em si mesma. “O depoimento oral construído do com o auxílio do pesquisador torna-se uma fonte que será submetida à análise histórica como qualquer outra.”⁶

De acordo com JOUTARD em seu texto *Desafios à história oral do século XXI* (2000) entendemos que a memória coletiva é um fenômeno construído a partir das memórias individuais, que são seletivas e é através da história oral que permite fazer uma história do tempo presente, possibilitando construir técnicas de pluralidade, sendo muito contestada. Todavia, é essencial que se faça uma pesquisa e o levantamento de dados, a elaboração de roteiros e entrevistas antes de se fazer o trabalho de campo. “Como historiadores orais, precisamos lembrar nosso passado recente e adaptar as lições aprendidas sobre memória e história - e sobre a dimensão humana de nossa atividade.”⁷

⁵ *Ibidem*. p.2

⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral: um inventário das diferenças*. In: *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*/ Coordenadora: Marieta de Moraes Ferreira; Alzira Alves de Abreu [et al.]. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 1-13. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6783/62.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

⁷ JOUTARD, Phillipe. *Desafios à história oral do século XXI*. In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 31-45. <http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879-03.pdf>

Também podemos citar José D'Assunção Barros em seu texto *A Expansão da História* (2013), onde o mesmo também disserta sobre esse tema, expressando a respeito da relação espaço e tempo, entendendo que devemos observar a necessidade de interação de vários conceitos como: temporalidade, duração, evento, processo e outros. O mesmo relata “A vida humana é eterno devir de territórios de longa e curta duração, que se superpõem e se entrecruzam ao sabor das relações sociais, das práticas e representações.”⁸

Encontramos então um grande desafio, conseguir levar os alunos a se interessarem em conhecer as diferentes temporalidades, pois, os mesmos, em sua maioria, se sentem muito distantes dos acontecimentos ou fatos do passado, preferindo assim, acreditar no que é representado de maneira decorativa nos livros didáticos sem questionar de nada. Como também muitos professores se mantêm em uma situação de detentor do saber, onde de “cima para baixo” é passado todo conteúdo em um monólogo.

Le Goff em *História e memória* (1990), que também comenta sobre o tema, compreende a história como forma científica da memória coletiva, sendo resultado de uma construção, e para que seja imortalizado são usadas outras ferramentas como o documento e o monumento. Para o autor, “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.”⁹ Ressaltando aqui como a história é ensinada no Ensino Fundamental e médio, onde nos livros didáticos podemos ver uma visão mais elitista, onde somente um ponto de vista é evidenciado e muitos alunos entendem como um documento inquestionável.

Devemos como profissionais da educação e professores de história, mostrar aos alunos que é preciso indagar sobre o que está sendo lido, tais como: será que foi sempre assim? Como chegamos a tal situação financeira? Por que existem tantas desigualdades sociais? Qual o ponto de vista dos que detinham o poder? Dentre várias outras perguntas que vão instigar a curiosidade e vontade de pesquisar mais sobre, podendo daí produzir opiniões e análises críticas a respeito de um determinado tema.

Nas escolas como ensinar os alunos pesquisar e como investigar? Podemos começar a estimular os alunos a entrevistar familiares, vizinhos, amigos e outros

⁸BARROS, José D'Assunção. *A Expansão da História*. Petrópolis, RJ. (2013), p.16.

⁹Le Goff, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

moradores da cidade que possuem uma “bagagem” de vida de muitos anos. Assim, entenderão como é o trabalho de um historiador e de como a história vai sendo construída e as várias visões de um determinado assunto, como também, a importância de analisar e averiguar a fonte das informações.

Muitos são os pesquisadores e historiadores que dissertam a respeito do uso da memória enquanto meio para se entender o passado. De acordo com a leitura de textos da pesquisadora Luana Leal em *Memória, Rememoração e Lembrança* (2013):

“A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado.”¹⁰

Luana Leal em *Memória, Rememoração e Lembrança* (2013) nos ajuda a compreender as ideias do teórico Maurice Halbwachs (1877-1945), que diz em *Memória coletiva, jornal e tragédia: vozes em confronto* (2013):

“uma vez que é a partir de seus estudos que se pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade.”¹¹

Ensinar o aluno a história dos nossos antepassados, pode e deve valorizar os relatos e as memórias, inclusive dos familiares dos alunos, que sempre enriquecem a aula com alguma história de sua infância ou de algum fato contado nas conversas de família. Fazê-los perceber que assim, podemos também reconstruir o passado e entender que tudo que estão vivenciando hoje, no presente, se tornará história no futuro, pois são sujeitos ativos fazendo história todos os dias. Assim, perceberão que a história não é construída apenas pelos grandes heróis e marcos citados nos livros didáticos.

Enfim, depois de ler e pesquisar a respeito do tema Memória coletiva e individual como meios de preservação da História nos vários textos dos autores citados, é importante ressaltar que o uso da memória de um indivíduo ou de uma sociedade trabalhada oralmente contribui no processo de construção e de preservação da história e da cultura, sendo de grande relevância no que se diz respeito à valorização os relatos de um povo como construtores e partes integrantes do processo de construção da história.

¹⁰ LEAL, Luana. *Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs*.(2013). p.1.

¹¹*Ibidem*.p.1.

Detalhamento do Projeto de Educação Patrimonial

Como um exemplo de um projeto que pode ser trabalhado em todas as Escolas Municipais e Estaduais com o intuito de resgatar as memórias coletivas e individuais, a identidade, os valores e culturas de um determinado grupo social, a valorização do patrimônio público e a preservação da história de uma sociedade, realizamos na Escola Municipal Ferreira Marques da cidade de Guarará/MG, local onde eu leciono como professora de História há 4 anos, um projeto de **“Educação Patrimonial”** com o título **“Dedin de Prosa, Cadin de História”**. 2018. p. 01-45.

O projeto foi elaborado durante meus estudos e trajetória no Curso de Pós-Graduação como apresentação do Trabalho Final de Curso, o mesmo englobou a diretoria da Escola e alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, onde foram orientados a fazer um levantamento, uma pesquisa que trouxesse informações de fatos relacionados a contos, causos e histórias que se passaram na cidade de Guarará/MG há tempos atrás, trazendo para a sociedade o resultado dos esforços de todas as partes envolvidas nesta atividade referente ao resgate da memória histórica da nossa cidade.

Com o objetivo de clarear para os alunos como é feita uma pesquisa, compreendendo que o tempo não para e passa para todos nós, sendo que a sua velocidade pode variar de acordo com várias características ou tropeços com que nos deparamos no dia-a-dia e ao longo do tempo. Também, entender a necessidade de registrar os acontecimentos e histórias narradas pelos entrevistados, foi muito importante, são muitos relatos e “causos” da localidade que não podem cair no esquecimento. Com isso, podemos trabalhar com tema subjetividade e a veracidade dos fatos, verificando o que pode ser cientificamente comprovado ou não e que está na memória de muitos. Podemos perceber como a vida passa por etapas com o espaço de tempo.

Os alunos puderam utilizar para a entrevista papel, caneta e um gravador, ferramentas com as quais anotam todos os relatos colhidos dos voluntários entrevistados. Antes dos alunos partirem para as entrevistas, foi feito, de maneira coletiva, um levantamento de dados para saberem onde e quem devia procurar.

As entrevistas depois de coletadas foram registradas em um “livro” impresso pela própria Escola Municipal Ferreira Marques, onde nele os alunos e toda sociedade podem ler os momentos vivenciados que marcaram a vida de muitos na cidade. Podemos ver, na simplicidade dos relatos dos voluntários, uma alegria em

poderem se expressar e serem ouvidos, como também, uma empolgação por parte dos alunos em ouvir e conhecer fatos que já se passou, que para eles estavam tão distantes de sua vida contemporânea de muitas facilidades, como tecnológicas por exemplo. A sua proximidade dos alunos com os entrevistados, os possibilitaram a respeitar a história de vida dos amigos queridos dos seus familiares.

Acreditamos que esse trabalho favoreceu para iniciar ou reforçar o gosto pela história e para que os alunos não se sentissem tão distantes da mesma, e assim perceber que também fazem parte dela. Outro fator muito importante foi à interação com pessoas e principalmente com os mais idosos. Podemos compreender que a apropriação dos conhecimentos gerados pela história oral da Comunidade traz muitos progressos significativos quanto à perpetuação da memória histórica de uma sociedade. Percebemos também que ações como essa, aproxima a escola, estudante e sociedade propiciando mais diálogos, interações e resgates que ficarão marcados na vida de cada um, uma experiência muito rica de troca de conhecimentos e busca de identidade.

Enfim, esse resgate da identidade histórica e social da cidade de Guarará/MG e o entendimento dos alunos de como a história é construída e preservada foi um dos objetivos principais, tendo como relevância a compreensão do desenvolvimento de metodologias que favoreçam um ensino de História comprometida com a inserção da história local em sala de aula, valorizando o cotidiano dos alunos, proporcionando autonomia para aprender. Também refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacionando-as com a história inerente do seu grupo de convivência, à sua cidade, à sua região e à sociedade nacional e do mundo. Lembrando que essa construção da identidade individual e social está relacionada à memória tanto coletiva ou individual.

Em anexo encontram-se alguns exemplos do registro de relatos da entrevista com alguns moradores antigos da cidade de Guarará/MG, realizados pelos alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ferreira Marques.

Conclusão

Podemos concluir que o uso da memória no processo de construção e de preservação da história e da cultura, deve ser relevante quando se diz respeito à valorização os relatos de um povo como construtores e partes integrantes do processo de construção da história. “A memória é, em parte, herdada, não se refere

apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.”¹²

Nesse contexto, ao fim do projeto, os alunos assistiram o filme brasileiro de Eliane café, *Narradores de Javé* (2006)¹³ o mesmo se encaixa bem no assunto desse trabalho, onde os moradores de uma pequena vila lutavam para que seu vilarejo não fosse inundado com uma grande construção.

Com isso, os habitantes perderiam suas casas e o lugar onde vivem e viveram seus antepassados. Então, começaram a usar os relatos orais e registrarem as memórias do que tinham ouvido falar dos seus pais e suas vivências, tentando com essa atitude, registrar um documento sobre a existência e importância do local. Vale ressaltar que a credibilidade das fontes orais pode ser questionada devido à subjetividade das informações, mas que ao mesmo tempo, é o que faz toda a diferença.

Podemos perceber que esse é bom filme para passar para os alunos do Ensino fundamental, depois da dinâmica do projeto realizado com eles, pois trás um diálogo claro a respeito do uso da memória coletiva e individual para contar a história, como também ressaltar a variedade de pontos de vista para relatar um mesmo fato, e a construção da identidade. “(...) a memória é um fenômeno construído social e individualmente, (...), podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.”¹⁴

Entendemos a importância considerar os relatos de pessoas mais antigas, as quais contam relatos vivenciados por eles durante suas vidas, onde o seu ponto de vista como sujeito ativo da história é priorizado, ou seja, a narrativa ganha voz nas falas do sujeito. “Almejamos tecer, no brilho da história contada, uma nova tapeçaria textual.”¹⁵

A utilização da memória como fonte rica de pesquisa para estudar e compreender a história, com um olhar do homem sobre o tempo, ajuda o entendimento sobre as diferentes temporariedades e acontecimentos que marcaram a vida de um indivíduo ou de uma sociedade.

Um exemplo que mostra como o uso da memória oral pode ajudar a contar a história de uma sociedade ou de um povo está na leitura de um dos textos de Jacques Le

¹² POLLAK, Michael. Op. Cit., p.4.

¹³CAFFÉ, Eliane, *Narradores de Javé*, (2013)

¹⁴ POLLAK, Michael. Op. Cit., p.5.

¹⁵ GROSSI, Yonne e FERREIRA, Amauri. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral* (4). São Paulo: ABHO, 2001 p.26.

Goff em História e memória (1990), onde o mesmo compreende que “A passagem da memória oral à memória escrita é certamente difícil de compreender. Mas uma instituição e um texto podem talvez ajudar-nos a reconstruir o que se deve ter passado na Grécia arcaica.”¹⁶

Referências Bibliográficas

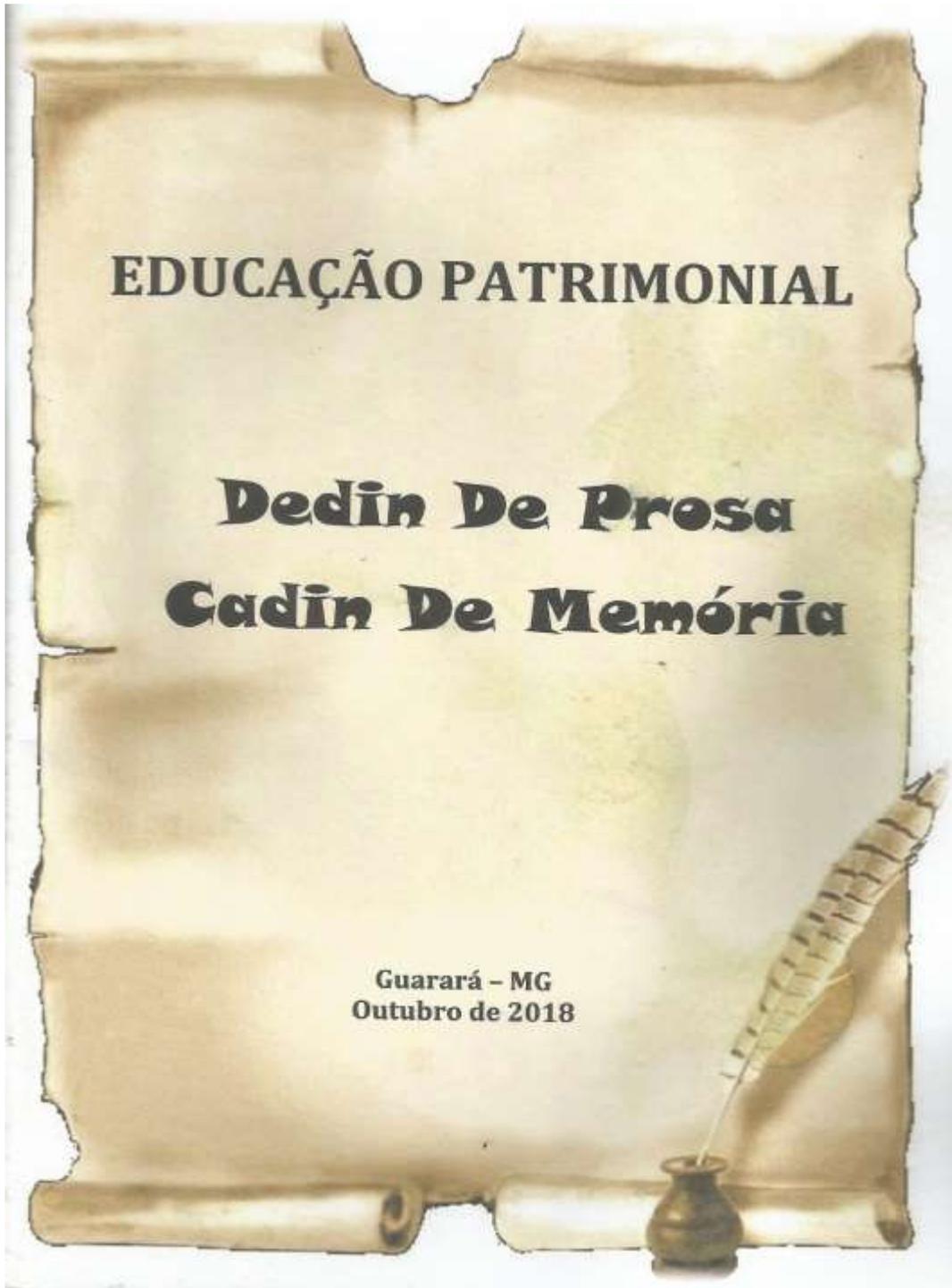
- BARROS, José D’Assunção - *História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço* – (2009) https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/mouseion/2009_v3_n5/jdbarros.pdf
- BARROS, José D’Assunção. *A Expansão da História*. Petrópolis, RJ
- CAFFÉ, Eliane, *Narradores de Javé*, (2013)
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral/* Coordenadora: Marieta de Moraes Ferreira; Alzira Alves de Abreu [et al.]. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 1-13. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6783/62.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- GROSSI, Yonne e FERREIRA, Amauri. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral* (4). São Paulo: ABHO, 2001.
- JOUTARD, Phillipe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 31-45. <http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879-03.pdf>

¹⁶ Le Goff, Jacques, 1924. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios) p. 45.

- Le Goff, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- LEAL, Luana. *Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs*.(2013)
<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>

Anexos

Imagem 1



Educação Patrimonial – Dedin de Prosa, Cadin de memória- 2018, Capa, p.01-45

Imagem 2

MEMÓRIAS LITERÁRIAS
ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL FERREIRA MARQUES
RESGATAM MEMÓRIAS DOS GUARARENSES

INFÂNCIA
Amanda e Ana Carolina de Oliveira Costa - 9º 1

Ah! Antigamente tudo era muito diferente! A minha infância foi muito difícil!

Meu pai era muito bom, eu perdi minha mãe cedo e quem me criou foi meu pai. Não tinha muito diálogo, mas ele me ensinou muita coisa que eu passo para as minhas filhas. No início não foi fácil, eu não pude aproveitar a minha infância, pois ainda menino tive que começar a trabalhar para ajudar em casa. E além disso, tive que crescer sem a presença de uma mãe. Apesar de ficar calmo e calado, eu sentia falta.

A Escola Municipal Ferreira Marques, onde estudei, era muito boa e nós, para estudar, tínhamos que ir andando a pé, todos os dias, não importava se estava chovendo ou um sol escaldante, pois não havia transporte escolar. Todo mês o boletim ia para os pais assinarem, se tivesse nota boa, parabéns, nota ruim, coça! E tive que ir trabalhar. Ao chegar o dia do pagamento, eu pegava o dinheiro e mesmo depois de ter trabalhado e estar cansado, ao invés de sair para curtir ou comprar algo para mim, eu pegava e dava todo o dinheiro ao meu pai. Algumas vezes, ele ainda me dava um ou dois reais, o que era muito pouco perto do que eu ganhava, mas mesmo assim ficava com um sorriso de orelha a orelha. Só quando eu me casei, foi que parei de dar o dinheiro ao meu pai, ele dizia que era para eu administrar o meu dinheiro e manter a minha casa com minha esposa.

Para namorar, eu saía de casa com a namorada, mas já sabia a hora de retornar: dez horas! A garota tinha que estar em casa nessa hora e eu também! E em casa, ficávamos na sala e os pais ficavam o tempo todo junto, tomando conta de nós dois!

Hoje, eu tenho uma filha e tento passar para ela os ensinamentos do meu pai. A única coisa de que me arrependo é de não ter aproveitado muito, certo que às vezes entre o trabalho árduo e cansativo, eu ainda brincava com meus amigos, mas não foi como eu esperava. Eu tive que amadurecer muito rápido, pois as coisas eram muito difíceis e essa foi a solução que eu tive na época.

(Entrevista realizada com Sebastião Chagas Teixeira, 60 anos)

Imagem 3

BONS TEMPOS DE GUARARÁ

Yasmim Vieira - 9º 1

Ah, Guarará! Temos muita história para contar!

Lembro-me como se fosse hoje quando iniciamos a Escola de Samba em Guarará! Construimos tudo quase sem recursos, mas conseguimos erguer a Escola de Samba Unidos da Praça, inaugurada em 17 de julho de 1982. Formamos uma diretoria de 80 sócios. Antônio Carlos da Rocha, Coronel José Luiz, Angélica, Luiz de Jorge (compositor e cantor), Regina, Nilo Gonze, Luiz Gomes, eu, Francisco Antônio, e outros que não me lembro agora.

O primeiro presidente fui eu, que fiquei dois anos no cargo.

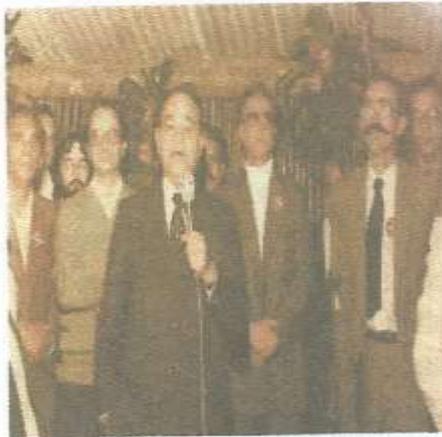
Naquela época, na inauguração, tivemos a presença do candidato a governador de Minas Gerais Tancredo Neves e o candidato a senador Itamar Franco.

Quando a escola saiu para desfilar pela primeira vez, tinha 166 instrumentos, dois carros alegóricos e uma sede própria.

Tínhamos mais de 200 integrantes, tinha até a ala de baianas.

Bons tempos que não voltam mais!

(Entrevista feita com Francisco Antônio Guarniere Moreira, 71 anos.)



No centro, o candidato a Governador Tancredo Neves, do seu lado esquerdo o candidato a senador Itamar Franco e o prefeito professor Antônio Carlos da Rocha.



No centro, Francisco Antônio, presidente da Escola de Samba Unidos da Praça.

Imagem 4**MEMÓRIAS DA TERRA**

Vitória Maria Pires Silveira - 8º 1

Desde 1969 que moro em Guarará.

Existia em minha rua um quartel, onde moravam muitos policiais que eram do município.

Após a tragédia que ocorreu na cidade, entre 1960 e 1962, houve uma eleição e logo após Maripá foi emancipada e a cidade de Guarará ficou com o eleitorado menor.

Conheci Guarará também com um comércio muito grande. Com a chegada do trem, em Bicas, a cidade se desenvolveu muito bem.

Na minha infância, as coisas não eram fáceis, principalmente a escola, não tinha transporte para as crianças, que chegavam à escola a pé, descalças algumas, pois algumas tinham condições melhores. Hoje não é o mesmo, pois existe muita facilidade.

A partir de 1982, tive minha história política em que fui vereador por três vezes e na época, pela primeira vez houve um prefeito analfabeto.

Sou grato pelas minhas conquistas em Guarará, hoje com meus 78 anos.

(Entrevista feita com Sebastião Silveira, 78 anos.)

Educação Patrimonial – Dedin de Prosa, Cadin de memória- 2018, p.44